

Com a palavra, as professoras que ensinarão matemática: clarões dos efeitos formativos do diário narrativo na formação inicial

Prospective teachers who will teach Mathematics take the floor: glimpses of the formative effects of narrative journaling in initial teacher education

Con la palabra, las profesoras que enseñarán matemáticas: destellos de los efectos formativos del diario narrativo en la formación inicial

Felipe da Costa Negrão*

 <https://orcid.org/0000-0001-6840-6670>

Cinara Calvi Anic**

 <https://orcid.org/0000-0002-1580-2271>

Resumo: Este artigo tem como objetivo compreender os efeitos formativos mobilizados quando professoras em formação inicial contam de si por meio de um diário narrativo centrado em suas experiências com a matemática. A investigação insere-se na abordagem qualitativa e fundamenta-se na pesquisa narrativa, tendo diários e conversas narrativas como dispositivos de produção de dados. Para este recorte analítico, foram selecionadas quatro experiências de estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), interpretadas à luz da análise narrativa. Os resultados indicam efeitos formativos relacionados à autoavaliação e à autoria, à partilha de experiências e à aprendizagem da escuta, à ressignificação da relação com a matemática e à ampliação da consciência de si. Conclui-se que o diário narrativo constitui um dispositivo potente para instaurar processos reflexivos na formação inicial de professoras que ensinarão matemática.

Palavras-chave: Narrativas (auto)biográficas. Formação inicial. Diário narrativo.

Abstract: This article aims to understand the formative effects that emerge when prospective teachers narrate their lives through a narrative journal focused on their experiences with mathematics. The study adopts a qualitative approach and is grounded in narrative inquiry, using narrative journals and narrative conversations as data production devices. For this analytical excerpt, the experiences of four students enrolled in the Pedagogy degree program at the Federal University of Amazonas (UFAM) were selected and interpreted through narrative analysis. The findings point to formative effects related to self-assessment and authorship, the sharing of experiences and learning to listen, the reframing of participants' relationship with mathematics, and heightened self-awareness. The study concludes that the narrative journal is a powerful

* Doutorando em Ensino Tecnológico pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). Professor da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: <felipenegrao@ufam.edu.br>.

** Doutora em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). E-mail: <cinara.anic@ifam.edu.br>.

tool for fostering reflective processes in the initial teacher education of prospective teachers who will teach mathematics.

Keywords: (Auto)biographical narratives. Initial teacher education. Narrative journal.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo comprender los efectos formativos que se movilizan cuando profesoras en formación inicial narran sobre sí mismas mediante un diario narrativo centrado en sus experiencias con las matemáticas. La investigación adopta un enfoque cualitativo y se fundamenta en la investigación narrativa, utilizando diarios y conversaciones narrativas como dispositivos de producción de datos. Para este recorte analítico, se seleccionaron las experiencias de cuatro estudiantes de la carrera de Pedagogía de la Universidad Federal de Amazonas (UFAM), interpretadas a la luz del análisis narrativo. Los resultados indican efectos formativos relacionados con la autoevaluación y la autoría, la puesta en común de experiencias y el aprendizaje de la escucha, la resignificación de la relación con las matemáticas y la ampliación de la conciencia de sí. Se concluye que el diario narrativo constituye un recurso potente para promover procesos reflexivos en la formación inicial de profesoras que enseñarán matemáticas.

Palabras clave: Narrativas (auto)biográficas. Formación inicial. Diario narrativo.

Primeiras palavras

Escrever, portanto, talvez seja o mais convicto dos atos de rebeldia.
Odenildo Sena (2020, p. 36)

“Da escrita somos todos aprendizes”, afirma o nortista Odenildo Sena (2020), autor da epígrafe que inaugura este texto dedicado aos efeitos da escrita de si em um diário narrativo centrado nas experiências com a matemática de professoras em formação inicial. Nesse horizonte, escrever sobre si pode configurar um gesto de rebeldia, sobretudo em contextos formativos frequentemente orientados pela racionalidade técnica, nos quais a experiência vivida tende a ser silenciada ou relegada a um plano secundário. Ao convidar futuras professoras a narrar suas trajetórias com a matemática, o diário narrativo abre espaço para que vozes **singulares-plurais** se expressem, instaurando processos reflexivos que favorecem a produção de conhecimentos sobre o tornar-se professora que ensinará matemática.

Nos últimos anos, no exercício da docência universitária no curso de Pedagogia, temos notado o estranhamento e, por vezes, a aversão que muitas graduandas manifestam em relação à matemática. Essa subjetividade vem sendo mapeada por nós por meio de práticas formativas que utilizam a associação livre de palavras e desenhos para exteriorizar imaginários sobre esse campo do saber. Os resultados dessas sondagens são sintomáticos, pois a recorrência de léxicos como “medo” e “sabatina”, somada a imagens de quadros saturados de operações, evidencia uma memória escolar fragmentada e angustiante em relação à matemática. A leitura sensível dessas expressões não é fortuita e dialoga com uma linha de investigação que temos consolidado em trabalhos precedentes (Negrão, 2019; Negrão; Andrade, 2022).

A literatura especializada destaca que professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental carregam marcas indelévels em relação à matemática, oriundas de suas vivências na Educação Básica (Nacarato; Mengali; Passos, 2009; Oliveira, 2011; Silva, 2018). Independentemente de serem positivas ou negativas, uma vez que cada sujeito as vivencia de modo particular, essas vivências tendem a acompanhar a futura docente em sua atuação profissional. Por esse motivo, refletir sobre esses percursos mostra-se ainda mais necessário nos cursos de formação inicial, como a Licenciatura em Pedagogia.

Movidos pelo interesse em compreender as marcas da matemática escolar e alinhar a formação às experiências de vida de futuras professoras, desenvolvemos uma pesquisa narrativa no âmbito de um Doutorado profissional. Essa modalidade de pós-graduação *stricto sensu* orienta-se

pela pesquisa translacional, que exige a produção de conhecimentos aplicados e a elaboração conjunta de uma tese e de um recurso educacional (Brasil, 2019). O itinerário desse tipo de curso visa consolidar o perfil do profissional pesquisador, capaz de intervir em seu campo de atuação e repensar o seu próprio fazer docente.

Neste artigo, recorte de uma investigação mais ampla, focalizamos o recurso educacional intitulado “Contar de si (trans)forma: diário narrativo”. O material foi concebido para orientar a prática reflexiva de futuras professoras mediante a constituição de narrativas (auto)biográficas que abordem suas experiências com a matemática em diferentes tempos e espaços. A proposta ancora-se na literatura que defende a incorporação de práticas com narrativas na formação docente, ao considerar que o processo de tornar-se professora envolve a compreensão da própria trajetória (Silva, 2019). Nesse contexto, o presente texto pauta-se pela seguinte problemática: Quais efeitos formativos são mobilizados quando professoras que ensinarão matemática contam de si em um diário narrativo?

No delineamento desse diário narrativo, assumimos a premissa de uma formação **outra**, centrada na reflexividade e orientada pela pesquisa narrativa de Clandinin e Connelly (2011). Destacamos, especialmente, a dimensão temporal da investigação, que mobiliza movimentos introspectivos, extrospectivos, retrospectivos e prospectivos no exercício de narrar a própria história. Em termos práticos, por meio de convites à reflexão apresentados como questionamentos, a estudante de Pedagogia é instigada a percorrer sua trajetória com a matemática, produzindo, nesse processo, conhecimento de si.

Nesse processo de escrita entre tempos, o recurso oportuniza que a discente rememore e registre suas vivências com a matemática na Educação Básica, evocando modelos docentes, práticas pedagógicas, métodos avaliativos e modos de aprender. O diário também incentiva a reflexão sobre a trajetória na Licenciatura em Pedagogia, especificamente no âmbito da Educação Matemática, momento em que se destaca a tomada de consciência sobre a futura responsabilidade de ensinar a disciplina. Por fim, a proposta culmina na elaboração de uma narrativa ficcional, na qual a estudante se projeta como docente em exercício, explicitando medos, expectativas e inquietações inerentes ao estar em sala de aula (Negrão; Anic, 2025, 2026).

Embora a literatura sobre narrativas (auto)biográficas na formação docente tenha se expandido nas últimas décadas, persistem lacunas quanto à proposição de recursos educacionais ancorados nesse referencial (Negrão; Gonzaga, 2024). Nesse cenário, o diário narrativo “Contar de si (trans)forma” assume um caráter inventivo ao situar a reflexividade como o eixo central da experiência formativa de futuras professoras que ensinarão matemática.

A constituição desse material, fruto de uma pesquisa narrativa em nível de Doutorado, ganha relevo frente a um cenário frequentemente (de)marcado pela racionalidade técnica. O curso de Pedagogia, ainda que historicamente aberto a perspectivas críticas, abriga componentes curriculares que, a depender da orientação pedagógica, podem enfatizar práticas de caráter cartesiano, reforçando modos de ensinar matemática próximos àqueles que fundamentam a aversão manifestada pelas próprias licenciandas.

À luz dessa discussão, o recorte de pesquisa aqui apresentado objetiva compreender os efeitos formativos mobilizados quando professoras que ensinarão matemática contam de si em um diário narrativo. Para tanto, desenvolvemos uma investigação de cunho narrativo no âmbito do componente curricular Conteúdo e Metodologia do Ensino de Matemática, ofertado no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

O texto inicia-se com esta introdução, na qual apresentamos a contextualização, a problemática e os objetivos do estudo. Nas seções seguintes, discutimos os pressupostos éticos e metodológicos que orientaram a investigação narrativa empreendida. Posteriormente, a análise centra-se nas narrativas produzidas por quatro participantes acerca da experiência de narrarem a si mesmas nos diários. Por fim, tecemos as considerações finais, retomando os efeitos formativos da escrita de si, bem como seus limites e contribuições, em diálogo com as proposições do dossiê “Estudos narrativos: sujeitos e contextos educativos”.

Percurso narrativo da pesquisa

Este estudo, recorte de uma pesquisa de Doutorado, insere-se na abordagem qualitativa, a qual privilegia a compreensão de fenômenos e a interação próxima entre pesquisador e participantes (Flick, 2009). Nesse contexto metodológico, adotamos a pesquisa narrativa proposta por Clandinin e Connelly (2011), por compreendermos a experiência vivida como fonte de conhecimento. Essa escolha fundamenta-se na ideia de que os seres humanos atribuem sentido à realidade por meio de histórias (Clandinin, 2013), bem como no entendimento de que essa vertente **epistemo-teórico-político-metodológica** permite “[...] romper com a noção de distanciamento entre o sujeito e o objeto de investigação” (Nacarato, 2016, p. 176).

Em contraposição à expectativa de neutralidade, este estudo constitui uma imersão em nosso próprio contexto profissional (Nacarato, 2016). Atuando na formação inicial de professores em cursos de Licenciatura, temos nos dedicado ao trabalho com narrativas (auto)biográficas, o que nos conduziu à realização desta investigação no componente curricular Conteúdo e Metodologia do Ensino de Matemática, ofertado no curso de Pedagogia da UFAM.

A pesquisa contou com a participação de dez estudantes, todas devidamente esclarecidas quanto aos objetivos da investigação, aos procedimentos de produção de dados e aos cuidados éticos envolvidos. O projeto segue as diretrizes do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), tendo sido aprovado sob o Parecer nº 6.029.859. Todavia, compreendemos que a ética em pesquisa narrativa não se restringe ao cumprimento de exigências institucionais, mas se constitui no próprio ato de pesquisar, entendido como um movimento de cuidado e de responsabilidade política e ética compartilhada (Ferreira; Pucci; Soares, 2026).

Nessa perspectiva, buscamos construir relações pautadas na escuta sensível, no respeito às experiências narradas e no diálogo permanente com as participantes, assegurando-lhes o direito de acompanhar e problematizar as interpretações produzidas ao longo da investigação. Em consonância com esses princípios, as participantes acompanharam o desenvolvimento da pesquisa e tiveram acesso às análises narrativas produzidas, podendo dialogar sobre as interpretações construídas, sugerir ajustes e validar os sentidos atribuídos às suas histórias durante os encontros de cocomposição. Do mesmo modo, a utilização de seus nomes reais decorreu de uma decisão compartilhada, sustentada pela compreensão de que a autoria integra o compromisso ético e político assumido nesta investigação.

No itinerário investigativo, recorreremos a dois dispositivos complementares: o diário narrativo e as conversas narrativas. O diário foi concebido como um instrumento de formação e reflexividade, inspirado nos aportes de Zabalza (2004), Paniz e Freitas (2011) e Clandinin e Connelly (2011). Por meio dele, as participantes foram convidadas a elaborar registros (auto)biográficos acerca de suas trajetórias com a matemática em diferentes tempos e espaços. Esse recurso tem se mostrado potente para o desenvolvimento da autoria e de processos formativos

críticos, constituindo-se, simultaneamente, como material de acompanhamento do percurso de profissionalização docente (Negrão; Anic, 2024, 2026).

O diário apresenta convites à reflexão formulados como questionamentos que orientam a escrita sobre a matemática escolar, as vivências na graduação e os desafios projetados para o futuro exercício da docência. No decorrer do componente curricular, essas produções (auto)biográficas foram compartilhadas em encontros coletivos, funcionando como momentos de confluência de experiências denominados ateliês de escuta de si e do(s) outro(s).

Foram realizados dois ateliês de escuta de si e do(s) outro(s), em datas previamente acordadas com as participantes, com duração aproximada de duas a três horas e intervalo de cerca de vinte dias entre um encontro e outro. Essa organização acompanhou o desenvolvimento do diário, permitindo a continuidade de sua escrita e a produção de novas narrativas entre os encontros, razão pela qual os convites à reflexão foram distribuídos entre esses dois momentos de partilha. A socialização das narrativas ocorreu de forma voluntária, de modo que cada participante podia ler trechos de seu diário, recontar suas experiências ou comentá-las livremente, assim como dialogar com as histórias compartilhadas pelas colegas. As conversas eram mediadas pelo pesquisador-docente, que, em alguns momentos, também narrava suas próprias experiências relacionadas aos temas em discussão, buscando favorecer relações horizontais no grupo, sem emitir julgamentos e preservando um ambiente de escuta sensível e acolhedor.

As interações produzidas nesses momentos deram origem às conversas narrativas, compreendidas como diálogos que capturaram as impressões das estudantes sobre o uso do diário e as partilhas no ateliê de escuta de si e do(s) outro(s). Esse enfoque encontra respaldo em estudos que defendem a conversa como metodologia de pesquisa (Sampaio; Ribeiro; Souza, 2022, 2023), definindo-a como “[...] a arte de se fazer presente, de dar o tempo, isto é, de se colocar disponível a ouvir, a escutar, a pensar e partilhar com o outro o que nos habita” (Sampaio; Ribeiro; Souza, 2023, p. 36). Desse modo, o *corpus* analisado neste artigo emerge tanto dos textos escritos nos diários quanto dos diálogos produzidos nas conversas narrativas, compondo um conjunto de registros que permite acompanhar a densidade das experiências desencadeadas no processo de contar de si.

Considerando que este artigo focaliza um recorte da investigação de Doutorado, apresentamos as narrativas de Rafayana, Poliane, Adriana e Vânia, cujas histórias de vida e formação são aqui dignificadas. A seleção dessas participantes considerou a diversidade das trajetórias narradas, bem como o potencial analítico de seus diários e conversas narrativas para evidenciar distintos efeitos formativos mobilizados pelo recurso educacional.

Para a análise, recorreremos à proposta de Clandinin e Connelly (2011), que pressupõe uma interpretação sensível dos textos de campo com o propósito de valorizar as subjetividades. Esse processo envolveu a leitura atenta dos registros, seguida de encontros de cocomposição com as participantes para validação das interpretações construídas, ratificando a compreensão de que “[...] a pesquisa narrativa é uma investigação relacional” (Clandinin, 2013, p. 24).

Na próxima seção, apresentamos as tematizações e as narrativas selecionadas, as quais contribuem para a compreensão dos efeitos formativos mobilizados pelo ato de contar de si.

Contar de si (trans)forma: efeitos formativos mobilizados com o diário narrativo

Em investigações narrativas, a transição dos registros produzidos no campo para o texto analítico prescinde de modelos rígidos, uma vez que, como postulam Clandinin e Connelly (2011,

p. 179), não existe “[...] uma única forma de transformar os textos de campo em textos de pesquisa”. Nesse sentido, a interpretação aqui apresentada sustentou-se em uma aproximação contínua com os materiais tecidos durante a investigação. Para este recorte, tomamos como base quatro diários narrativos elaborados pelas participantes, em articulação com os registros provenientes das conversas narrativas realizadas no decurso da experiência formativa.

Com o intuito de conferir visibilidade a essas experiências formativas, organizamos no Quadro 1 um conjunto de tematizações que orienta a discussão nesta seção. Essas tematizações foram construídas a partir da interpretação dos movimentos de escrita de si produzidos nos diários narrativos e nas conversas narrativas, considerando os sentidos atribuídos pelas participantes ao ato de rememorar, narrar e ressignificar suas experiências com a matemática.

Quadro 1 – Efeitos formativos mobilizados pelo diário narrativo nas narrativas das participantes

Tematização	Síntese da narrativa
Autoavaliação e autoria na escrita de si	Rafayana relatou que a escrita do diário possibilitou revisitar experiências escolares e organizar reflexões sobre sua trajetória formativa. Ao narrar esses percursos, ela transitou da condição de narradora à de autora de sua própria história, transformando o ato de rememorar memórias escolares em um processo de autoavaliação e empoderamento sobre seu tornar-se professora.
Partilha de experiências e aprendizagem da escuta	Poliane descreveu que a escrita evocou lembranças da infância e incentivou conversas com familiares e colegas, revelando que o diário ultrapassou o registro individual. Nos ateliês de escuta de si e do(s) outro(s), a partilha das narrativas ampliou a troca de experiências e consolidou a escuta sensível como dimensão central de seu processo formativo.
Ressignificação da relação com a matemática	Adriana revisitou sua trajetória escolar e refletiu sobre os sentidos atribuídos à disciplina ao longo de sua formação. A escrita atuou como um dispositivo de ruptura, provocando deslocamentos em sua relação com o saber matemático e gerando novas compreensões sobre o ensino, com repercussões diretas em suas práticas pedagógicas no estágio supervisionado.
Consciência de si e ampliação do olhar sobre o outro	Vânia revelou que o diário, embora recebido com resistência inicial, atuou como um “espelho”, possibilitando notar aspectos de sua relação com a matemática antes pouco percebidos. Esse movimento de interiorização ampliou sua consciência de si e desenvolveu uma sensibilidade aguçada para acolher as trajetórias e dificuldades das outras colegas.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

Os eixos apresentados no Quadro 1 não constituem categorias rígidas, mas dimensões analíticas que emergiram dos movimentos narrativos mobilizados pela escrita de si, articulando os sentidos produzidos pelas participantes sobre suas experiências e seus percursos formativos. Com esse intuito, trazemos à cena excertos provenientes dos diários e das conversas narrativas, articulando-os aos referenciais teóricos que dão lastro à investigação, de modo a revelar os efeitos formativos manifestados quando futuras professoras que ensinarão matemática narram suas próprias experiências por meio do diário narrativo.

Escrever para encontrar-se: autoavaliação e autoria na escrita do diário narrativo

Durante as conversas narrativas, Rafayana relatou que, em sua trajetória na Licenciatura em Pedagogia, jamais havia vivenciado uma atividade análoga à proposta do diário. Ao descrever sua interação com o material, caracterizou-o como um recurso que potencializa o conhecimento de si, enfatizando o papel das perguntas na condução da escrita (auto)biográfica. Para a licencianda, os questionamentos presentes no dispositivo funcionaram como balizas do itinerário narrativo, permitindo revisitar acontecimentos, refletir sobre eles e transmutá-los em palavras. Desse modo, o ato de escrever inaugurou um espaço de escuta de si até então inédito em seu percurso formativo.

Ao elaborarmos as perguntas que compõem o diário, antecipamos que, por se tratar de um material voltado à formação de professores, seria imperativo oferecer orientações que auxiliassem as estudantes a se implicarem com a proposta e a experienciarem deslocamentos reflexivos. Com o amadurecimento das discussões no campo da reflexividade, tornou-se evidente que perguntas cuidadosamente tecidas podem deflagrar movimentos formadores que robustecem a identidade docente, instaurando pausas que convidam ao estranhamento de modos arraigados de **pensar-fazer-viver** a docência (Alarcão, 1996; Dal’igna, 2023; Flores, 2010).

No registro de Rafayana, nota-se que ela não supunha registrar memórias tão íntimas relacionadas à matemática no ambiente acadêmico:

Foi emocionante relembrar alguns aspectos da minha vida e me trouxe muitas risadas também. Ao decorrer das aulas e dos conteúdos que foram passados, entendi que tudo está ligado a matemática. Então, isso fez ampliar meus conhecimentos. Ao conhecer e ver a diferença entre as respostas com o passar das aulas, refleti sobre minhas potencialidades e questões de ordem pessoal. Foi uma oportunidade de me avaliar enquanto discente e futura docente, por isso, venho me conectar comigo mesma lendo esse diário sempre que eu achar necessário (Diário narrativo de Rafayana).

A leitura desse fragmento revela que, para a participante, o diário assumiu a função de um dispositivo de autoavaliação – dimensão que não havia sido plenamente prevista no delineamento inicial do material, mas que passou a ser acolhida conforme as estudantes partilhavam suas percepções. Embora concebido para registrar histórias de vida e retomá-las nas aulas de Educação Matemática, o diário adquiriu matizes variados conforme a apropriação de cada sujeito. Essa pluralidade de sentidos ratifica a potência da escrita de si ao iluminar a dimensão subjetiva da aprendizagem e ao abrir veredas para que as futuras professoras possam “[...] falar-ouvir e ler-escrever sobre suas experiências formadoras” (Souza, 2006, p. 98).

Outro ponto realçado por Rafayana refere-se às contribuições do diário para o desenvolvimento da expressividade textual. Com histórico na área da Linguagem, ela reconheceu que o ato de narrar permitiu que se percebesse mais competente para organizar o pensamento pela palavra escrita.

Eu gosto muito de falar, mas quando vou escrever é outra história, entendem? E a minha professora-orientadora sempre pega no meu pé dizendo: “O que tu falas, tu podes colocar no papel”. E eu acho que isso reflete muito no diário, o que eu falo no meu dia a dia, eu pude colocar na minha escrita (auto)biográfica. Eu fiquei pensando quando eu estava lendo e disse a mim mesma: “Meu Deus, eu escrevi essas páginas todas, logo eu que tenho dificuldades para escrever”. Eu acho que o diário proporciona isso, você olhar e ver que é capaz de escrever, de desenvolver suas ideias (Transcrição da conversa narrativa com Rafayana).

A percepção de Rafayana ilustra um dos aspectos inerentes às narrativas (auto)biográficas na formação inicial. Ao mesmo tempo em que narra o vivido, o sujeito defronta-se com o próprio ato de escrever, compreendido como uma atividade tecida no entroncamento entre cotidiano, memória e aprendizagem. Sob esse prisma, Clareto e Veiga (2016, p. 38) compreendem a escrita como parte de uma “constituição ético-estética-política de nós mesmos”, caracterizando-a como um legítimo processo de formação.

A força formativa dos diários torna-se palpável quando a estudante mergulha na proposta e passa a investigar a própria história. Nesse esforço, a participante assume o lugar de quem interroga o vivido e produz novos sentidos (Souza *et al.*, 2012). No caso de Rafayana, revisar episódios escolares auxiliou no reconhecimento de práticas e marcas que ela não deseja reproduzir em sua futura atuação.

Essa reflexão emergiu em um dos encontros de cocomposição destinados à apreciação das transcrições, ocasião que se converteu em um espaço-tempo para novas partilhas. Rafayana apresentou, então, uma ponderação marcante sobre a centralidade da figura do professor:

Com a palavra, as professoras que ensinarão matemática: clarões dos efeitos formativos...

Quando a gente compartilhou nossas experiências com a matemática lá na sala, ninguém falou assim: “Ah, eu aprendi quanto que é $1+1$, $2+2$ ”. Não! A gente sempre falava: “Eu tive uma professora assim; minha professora foi maravilhosa; a minha não”. Sempre falávamos da figura daquele que transmitia o conhecimento para nós. Então, o diário me fez olhar por esse lado, de como os meus futuros alunos iam me receber, de como eles iam absorver o conteúdo, porque a imagem do professor acaba bloqueando muitas coisas. Às vezes você gosta do conteúdo, você tá disposto a aprender, mas aquele professor te bloqueia, ele faz de uma forma que te traumatiza. Então, eu acho que levei em consideração muito disso, não só pensar em repassar o conteúdo matemático, mas como repassar. Isso graças ao diário (Transcrição da conversa narrativa com Rafayana).

A expressão “repassar o conteúdo” na fala da licencianda constitui um traço recorrente da linguagem de estudantes em formação, mas o que ganha relevo é a autocritica sobre as marcas indelévels deixadas pelo docente. Ao projetar-se no lugar do professor, Rafayana demonstra o desejo de construir uma relação distinta com seus futuros alunos, indicando que a escrita do diário expandiu sua compreensão sobre o alcance ético das ações pedagógicas. Ao provocar esse deslocamento, o diário favorece um entendimento mais denso da docência, ao funcionar como uma pausa que permite escutar a si mesma e produzir novos significados, o que Zabalza (2004) define como um oásis reflexivo. Sob esse prisma, a escrita de si deixa de ser um mero registro retrospectivo para converter-se em um ato de reinvenção de si.

Recordar para partilhar: escuta de si e do(s) outro(s) na escrita do diário narrativo

A proposta do diário narrativo era inédita no curso, mas Poliane relatou não ter enfrentado obstáculos para realizar a atividade, visto que cultivava o hábito de registrar vivências pessoais desde a adolescência. Ao comentar o exercício da escrita, destacou que revisitar acontecimentos de sua trajetória produziu um intenso fluxo de rememoração, trazendo à tona lembranças que julgava esquecidas e que foram gradualmente incorporadas à tessitura narrativa.

Fazer esse movimento de buscar memórias passadas me fez lembrar de tanta coisa das quais achava que não lembrava, muita coisa mesmo! Pude ter um diálogo com a minha família e até com amigos que me ajudaram a recuperar essas memórias. Enfatizo que não é nada fácil escrever sobre nós mesmos, muito menos sobre algo que não nos marcou positivamente. Esse tipo de escrita já fazia parte do meu dia a dia, mas poder realizá-la na faculdade me ajudou a aprimorá-la e buscar conhecer mais sobre, pois não tinha conhecimento sobre esse tipo de escrita, academicamente falando. Parece fácil escrever sobre nós mesmos, nossas experiências, mas pelo contrário, é muito desafiador, nos tira da zona de conforto, pois não tem nada que comprove o que estamos falando, apenas nossas palavras e honestidade estão em jogo, sermos fiéis e leais a nós mesmos, a nossas memórias (o que é mais difícil), pois podemos achar que algo aconteceu quando nunca ocorreu, principalmente quando estamos na fase da infância. Essa atividade acrescentou muito no meu processo de formação profissional, além de trabalhar a escrita acadêmica, eu pude me conhecer melhor e refletir sobre a profissional que quero e posso ser, além da maneira com a qual o professor conduziu os relatos que nos possibilitou interagir com a turma e conhecer suas trajetórias com a matemática (Diário narrativo de Poliane).

Mesmo quando a escrita de si integra a rotina de alguns estudantes, inseri-la no contexto universitário produz efeitos singulares. Isso ocorre porque atividades dessa natureza são pouco frequentes na formação inicial, especialmente em ambientes acadêmicos orientados por modelos tradicionais de produção de conhecimento. Nesse cenário, propostas que convocam narrativas pessoais ampliam as possibilidades formativas ao integrar dimensões reflexivas e afetivas à formação docente (Amado, 2019).

Na narrativa de Poliane, sobressai a relevância das trocas estabelecidas entre os pares, visto que a escrita orientada do diário viabilizou o compartilhamento de vivências pessoais com a matemática, fomentando o mútuo conhecimento das trajetórias de vida-formação.

Durante os encontros do ateliê de escuta de si e do(s) outro(s), as narrativas produzidas nos diários eram lidas, comentadas e retomadas coletivamente. Nessas ocasiões, a sala de aula converteu-se em um ambiente marcado pela pluralidade de vozes e pela circulação de diferentes

histórias com a matemática. Essa dinâmica dialógica impulsionou o reconhecimento de vivências análogas entre os pares, transmutando o isolamento das dificuldades individuais em uma compreensão compartilhada sobre as complexidades inerentes ao aprender e ao ensinar. A palavra partilhada atuou, portanto, como um eixo de legitimação das subjetividades, conferindo contornos coletivos a trajetórias que outrora pareciam solitárias.

Vale pontuarmos que a confluência entre pares não ocorre espontaneamente, pois sua constituição depende de um ambiente em que a escuta seja reconhecida como parte da experiência formativa. Nesses encontros, amplia-se a percepção de que, ao dialogarmos com o outro, expandimos nossas maneiras de compreender o mundo e de interpretar nossas próprias experiências (Ribeiro; Sampaio, 2020), fazendo da partilha narrativa um movimento de abertura para outros modos de pensar, sentir e significar as trajetórias vividas com a matemática.

Em componentes curriculares vinculados à Educação Matemática, essas iniciativas podem inicialmente causar estranhamento. Isso se deve, em parte, ao imaginário social que frequentemente associa a matemática a práticas centradas na repetição de procedimentos e na memorização de conteúdos, com reduzida abertura para experiências que convoquem dimensões mais subjetivas.

No processo de análise desenvolvido nesta investigação, tornou-se evidente que um dos aspectos inovadores do diário narrativo reside na tentativa de tensionar o modelo tradicional de ensino. Ao propormos a escrita de si e a partilha das narrativas em um componente curricular de Educação Matemática, buscamos articular abordagens metodológicas com momentos destinados à reflexão coletiva sobre as experiências, o que dialoga com discussões fecundas no campo da formação de professores (Nóvoa, 2002; Zeichner, 1993, 2008). Entre os efeitos observados, destaca-se ainda a aprendizagem da escuta, uma escuta atenta e sensível que se faz tarefa complexa em contextos contemporâneos marcados pela aceleração e pela fragilidade dos vínculos (Han, 2023; Larrosa, 2025).

Por último, Poliane trouxe inquietações éticas sobre a “veracidade” das narrativas, questionando as fronteiras entre o fato e a lembrança. Tais dúvidas remetem a debates próprios das pesquisas narrativas, em que não se busca uma verdade factual, mas a compreensão dos sentidos atribuídos ao vivido (Passeggi; Souza, 2017). Essa dimensão reflexiva transborda para o desejo de Poliane em projetar práticas semelhantes em sua futura atuação:

Eu acho que todo mundo deveria viver uma experiência como essa [risos]. A gente só teve uma vez que foi na sua disciplina. Acho que deveria ter um pouco mais. Eu até penso em levar para os meus alunos, meus futuros alunos, né? Porque eu acho que escrevendo a gente não só aprende, mas reflete tanto, sabe? Mesmo que a gente não escreva tudo certinho, mesmo que às vezes não tenha tanta coerência, nos ajuda muito (Transcrição da conversa narrativa com Poliane).

Sempre que uma participante mencionava a intenção de transpor propostas (auto)biográficas para a Educação Básica, emergia em nós o impulso de esclarecer que o diário fora concebido para o público adulto em formação. Entretanto, esse incômodo dissipou-se ao constataremos que, enquanto Poliane planejava essa transposição, Adriana já a colocava em prática com estudantes do 4º ano, reiterando que o trabalho com as narrativas (auto)biográficas se renova e se ressignifica no fazer docente, conforme será partilhado na próxima subseção.

Narrar para ressignificar: reconstruções da relação com a matemática na experiência com o diário narrativo

Durante o período da pesquisa, Adriana estava realizando o estágio supervisionado e planejou uma aula sobre gêneros textuais em Língua Portuguesa. Inspirada pela vivência com a escrita de si, ela decidiu estruturar uma proposta baseada em bilhetes (auto)biográficos. Na

atividade, os estudantes foram convidados a produzir pequenos textos com características, preferências e informações pessoais. Posteriormente, esses registros circularam entre os colegas, promovendo um fluxo de partilha análogo ao experienciado nas aulas de Educação Matemática.

Evidentemente, a atividade não pretendia transpor de forma explícita os referenciais teóricos sobre narrativas (auto)biográficas, mas buscava efetivar uma prática pedagógica diferenciada, ancorada em uma experiência que produziu sentidos para sua própria formação. Esse episódio explicita que o diário narrativo ultrapassou os limites da universidade, repercutindo nas formas como Adriana passou a conceber suas estratégias de ensino.

Em um dos encontros de cocomposição, Adriana releu suas produções com visível satisfação, mencionando o contentamento por ter conseguido “escrever bem”. Essa leitura de si mesma comunicava um sentimento de pertencimento em relação ao material produzido. Para a licencianda, o diário tornou-se um documento de registro de seu vínculo com a matemática e dos episódios marcantes de sua trajetória escolar, que poderia ser revisitado posteriormente.

O diário é uma nostalgia onde trago as minhas dificuldades e potencialidades com a matemática – um bicho de sete cabeças que somente com o tempo eu fui compreendendo o quanto estava presente em minha vida. No caso, eu pensava a matemática somente para o vestibular, esquecendo que independentemente da área profissional, é necessária a sua compreensão para lidar com aspectos econômicos, educacionais, dentre outros. Atualmente, estou tendo uma relação constante com a matemática, tanto na Pedagogia quanto no encerramento do curso Técnico em Informática. Na disciplina de Educação Matemática, pude conhecer as práticas, técnicas e métodos, além de poder visualizar a matemática com lentes interdisciplinares, entendendo que as crianças precisam de um processo contínuo de práticas coletivas e lúdicas para potencializar suas aprendizagens (Diário narrativo de Adriana).

Ao narrar acontecimentos de sua história, Adriana elaborou reflexões sobre os aprendizados tecidos na disciplina de Conteúdo e Metodologia do Ensino de Matemática. Em seu diário, emergiram referências à importância da matemática no cotidiano, bem como à necessidade de integrar ludicidade e interdisciplinaridade à docência na Educação Básica. Amado (2019) assinala que visitar a própria experiência não garante, por si só, mudanças imediatas nos modos de pensar ou agir. No entanto, esse compromisso sinaliza que houve a disposição de interromper o fluxo habitual das ações para examinar o vivido. Ao refletir sobre sua trajetória, o sujeito passa a interrogar a si mesmo, abrindo espaço para novas formas de **pensar-fazer-viver** a profissão docente.

Em outra conversa, perguntamos a Adriana sobre sua experiência com a escrita de si durante a formação inicial. Segundo a participante, essa havia sido a primeira oportunidade de vivenciar uma proposta pedagógica que colocava a história de vida do estudante como ponte para a composição de conhecimentos sobre a docência.

A escrita de si é o autoconhecimento, né? Dentro do curso a gente só vivenciou isso na sua disciplina. Em outras disciplinas tivemos um diário de bordo. Mas, era sobre a disciplina, não sobre a gente. A gente não era o foco e a partir do momento em que a gente é o foco, passamos a trazer nossas vivências em relação aos conteúdos da disciplina, né? Muitos professores só passam o conteúdo da disciplina, sem se importar com nossa realidade, sem saber como a gente vivenciou determinados assuntos. Alguns até nos questionam oralmente, como se fosse um diagnóstico, mas diagnóstico não é o mesmo que contar de si, né? (Transcrição da conversa narrativa com Adriana).

O diário de bordo mencionado possui relevância, especialmente em etapas como os estágios supervisionados, nos quais o acompanhamento sistemático das experiências é exigido como parte da formação. O diário narrativo, contudo, orienta-se por outra lógica, pois nele o sujeito é convidado a voltar-se para sua própria história, examinando episódios significativos de sua trajetória e atribuindo novos sentidos a eles (Zabalza, 2004).

No que diz respeito à socialização das narrativas, Adriana ressaltou que os ateliês de escuta de si e do(s) outro(s) constituíram momentos de acolhimento. Ao ouvir as histórias das colegas,

percebeu que muitas compartilhavam experiências semelhantes em sua relação com a matemática. Esse reconhecimento coletivo é crucial, pois, como destaca Goodson (2019), quando a história de vida de um sujeito passa a dialogar com o aprendizado, cria-se um contexto propício para a produção de sentidos e para o engajamento nas experiências educativas.

A escrita do diário, como foi algo individual, fazia com que a gente se preocupasse menos com quem estava lendo, né? Porque na hora da exposição nos ateliês, nós não íamos com um slide, mas apresentávamos oralmente o que quiséssemos do nosso diário (auto)biográfico. Eu acredito que o diário conseguiu trazer quem nós somos de verdade. Eu acredito que a gente conseguiu externar nossas experiências, embora a maioria tenha tido experiência ruim com a matemática. E isso fez a gente ver que não foi só a gente que passou por tantos traumas, mas outras pessoas que estavam na sala também passaram por coisas ruins. Eu me senti acolhida e garanto que passei todos os meus sentimentos no diário. Eu queria que quem lesse, sentisse tudo que eu senti e refletisse sobre o que eu estava contando de mim (Transcrição da conversa narrativa com Adriana).

Os espaços de escuta construídos a partir da experiência com o diário narrativo viabilizaram a constituição de vínculos entre as participantes. Ao compartilharem histórias, emoções e lembranças, as estudantes reconheceram que suas trajetórias se entrelaçam com as das colegas, produzindo um sentimento de pertencimento. Desse modo, a formação docente deixa de ser compreendida como um caminhar estritamente individual e passa a ser percebida como um fazer coletivo, tecido por meio de relações de colaboração, diálogo e apoio mútuo (Mascarenhas; Moraes, 2019).

Olhar para compreender: consciência de si na experiência com o diário narrativo

Enquanto algumas participantes aderiram prontamente à escrita e ao compartilhamento de suas experiências, outras manifestaram resistência inicial, como Vânia. Em muitas situações, isso se explica pela distância historicamente construída entre o conhecimento científico e os saberes do cotidiano. Enquanto o primeiro costuma ser valorizado nas instituições de ensino, o segundo frequentemente permanece à margem dos processos de legitimação acadêmica, sendo pouco reconhecido ou mesmo desconsiderado em determinados espaços formativos (Cunha, 2010). Por esse motivo, propostas baseadas na escrita de si podem provocar estranhamento inicial entre as participantes.

Foi exatamente essa a reação de Vânia ao se deparar com o convite à reflexão em forma de diário narrativo. Ao acolher a proposta, interpretou a atividade como uma espécie de “regressão” às lembranças “quase perdidas”.

Minhas impressões com a escrita do diário foram no primeiro momento de repúdio. Não tinha ideia que poderia ser capaz de relembrar memórias da infância com sentimentos diversos. Temos sentimentos diferentes ao longo de um dia, que dirá ao longo de anos. Falar desses sentimentos nem sempre é uma tarefa fácil e simples. Este ato de escrever transporta-nos para vales sombrios, de terras movediças ou para campos floridos com árvores frondosas e brisa suave a bater o rosto. Sentia-me como se fosse viver a experiência de naufragar em alto mar. A proposta lançada deixou-me atenta a fim de que pudesse me agarrar em algum destroço que ao meu lado passasse. Foi angustiante pensar que não tinha memórias para recordar, mas aos poucos pude perceber que as memórias surgiram à medida que o esforço era feito. A aprendizagem ao longo desses meses trouxe uma visão inovadora do ensino desta disciplina. É sem dúvida um grande desafio mudar o olhar assustador que os alunos têm e o desinteresse causado pelo uso de regras e fórmulas. Podemos perceber que é possível proporcionar um ensino satisfatório, com métodos diferentes que contribuam para despertar a curiosidade, motivação e satisfação na aprendizagem. A necessidade de tornar a matemática útil deve ser considerada pelos docentes a fim de que haja um ensino responsável e comprometido com a formação integral do aluno (Diário narrativo de Vânia).

As imagens evocadas por Vânia – vales sombrios, terras movediças e a sensação de naufrágio – expressam a intensidade afetiva associada às suas memórias escolares com a matemática. Ao recorrer a essas metáforas, a participante traduz, em linguagem sensível e poética, a instabilidade emocional que acompanhou seu percurso formativo nessa área do conhecimento.

Narrar a própria trajetória torna-se desafiante quando o sujeito não possui familiaridade com esse gênero de escrita ou quando não encontra referências claras que orientem o processo reflexivo. A comunicação consigo por meio da palavra escrita denota disposição para rememorar experiências, muitas vezes despertando sentimentos complexos ou contraditórios. Por essa razão, o ato de contar a própria história pode gerar desconforto e demandar coragem de quem escreve (Santos *et al.*, 2019).

Na elaboração do diário, entretanto, aquilo que inicialmente se apresentava como resistência acabou ganhando forma nos registros escritos, permitindo que Vânia revisitasse episódios de sua história com a matemática e elaborasse novas interpretações sobre essas experiências. Em nossa conversa, a participante comentou como essa atividade lhe permitiu perceber aspectos de sua trajetória que anteriormente haviam passado despercebidos.

Revisitar o passado foi uma experiência muito gratificante porque têm coisas que a gente realmente não lembra, são tão pequenas que a gente não lembra que vive a matemática diariamente em nosso dia a dia. Então, para mim foi uma experiência muito bacana poder avaliar a minha vida olhando para a matemática. Foi uma experiência dolorosa, mas muito legal. Eu não sei uma palavra que eu posso usar, não sei se foi revigorante, enriquecedora, não sei. Mas, o que eu quero dizer é que não foi uma atividade simplesmente de contar nossa vida, mas nos exigiu parar, olhar para determinadas cenas do cotidiano e tentar enxergar algo que não havíamos reparado antes. Quando você olha para si, você consegue muito mais olhar para o outro, do que apenas olhando para o outro sem se preocupar com você mesmo (Transcrição da conversa narrativa com Vânia).

Nesse depoimento, atestamos que Vânia compreendeu o papel formativo do diário narrativo. De fato, o dispositivo configura-se como um espaço de escrita de si que convoca docentes em formação a examinar suas vivências de modo sistemático e reflexivo. A palavra escrita assume, nessa experiência, caráter mediador na interpretação da trajetória vivida e na elaboração de sentidos sobre as experiências narradas.

A conversão das experiências escolares em narrativas (auto)biográficas adquire relevância na formação inicial de professoras, na medida em que mobiliza a escrita como via de reflexão sobre a própria trajetória. Como destacam Soligo e Nogueira (2016, p. 114), “[...] a reflexão por escrito, entretanto, é um dos mais valiosos instrumentos para aprender sobre quem somos nós e, de certo modo, nos livra da exclusão – um tipo de exclusão que provoca anonimato das ideias, das opiniões, dos pensamentos...”. Tal compreensão reafirma o diário narrativo como um recurso que desloca o estudante da condição de receptor de conteúdos para a posição de sujeito implicado na leitura de sua experiência.

Em síntese, as trajetórias de Rafayana, Poliane, Adriana e Vânia ilustram que, ao escreverem, recordarem e olharem para seus próprios percursos, as estudantes acionaram memórias escolares, compartilharam experiências com os pares e reelaboraram os sentidos atribuídos às suas relações com a matemática. Conforme destaca Zabalza (2004), o diário, independentemente de seu formato, articula quatro dimensões metodológicas fundamentais: a escrita, condição para que o registro da experiência se materialize; a reflexão contínua, que impede a redução do texto a um simples relato; a integração entre emoções e referências relacionadas ao fazer docente; e, por fim, uma dimensão histórica e longitudinal, que registra singularidades de um tempo vivido, possibilitando que tais vivências sejam revisitadas e reinterpretadas pelo narrador.

Considerações finais

O presente estudo objetivou compreender os efeitos formativos mobilizados quando professoras em formação inicial contam de si por meio de um diário narrativo centrado em suas experiências com a matemática. Ancorada no campo da pesquisa narrativa, a investigação buscou

acompanhar os processos reflexivos desencadeados durante a escrita e a partilha de narrativas (auto)biográficas elaboradas por estudantes de Pedagogia no âmbito de um componente curricular de Educação Matemática.

As narrativas analisadas indicaram que o diário narrativo impulsionou processos de reflexão e interpretação das experiências escolares, permitindo que as participantes revisitassem suas trajetórias e elaborassem novos sentidos para sua relação com a matemática e com a docência. No caso de Rafayana, a escrita propiciou uma autoavaliação crítica e o reconhecimento de si como autora de sua história. Na narrativa de Poliane, sobressaiu a dimensão coletiva da experiência, na qual a partilha nos ateliês de escuta favoreceu a circulação de saberes e a consolidação da escuta como elemento fundante da identidade profissional. Adriana, por sua vez, apresentou uma ressignificação profunda de sua relação com a matemática, cujos desdobramentos alcançaram suas práticas pedagógicas durante o estágio supervisionado. Por fim, o relato de Vânia revelou um caminhar inicialmente marcado por resistência, que gradualmente conduziu à ampliação da consciência de si e à percepção de que voltar-se para a própria trajetória constitui premissa para um olhar mais atento ao outro.

Essas experiências sinalizam que práticas de escrita de si na formação inicial podem transformar visões centradas exclusivamente na transmissão de conteúdos. Para professoras que ensinarão matemática, o diário narrativo se mostrou um dispositivo eficaz para visitar trajetórias escolares, construir sentidos sobre a relação com a disciplina e elaborar novas formas de experienciar o ensino do componente nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Ademais, as experiências nos ateliês de escuta de si e do(s) outro(s) confirmaram que a formação docente se constitui na reserva de tempos e espaços dedicados à alteridade. Em um cotidiano atravessado pela fugacidade das interações digitais, tais instantes convidam à desaceleração e ao encontro. Como pondera Larrosa (2025, p. 25), a experiência exige “[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes [...]”.

Nos encontros de partilha das narrativas, essa definição de experiência ganhava (cor)po na medida em que o grupo permanecia em roda, permitindo que as histórias circulassem e tecessem vínculos entre as participantes. Nessas ocasiões, a formação deixava de configurar um itinerário individual e passava a constituir uma travessia coletiva – ou “em mutirão”, como afirmam Mascarenhas e Moraes (2019, p. 117).

Ao convidar futuras professoras a narrar suas trajetórias com a matemática, o diário narrativo evidencia que a formação docente extrapola a apropriação de conhecimentos teóricos e metodológicos, integrando de modo indissociável a interpretação das experiências acumuladas ao longo dos percursos escolar e acadêmico. Nesse horizonte, o dispositivo analisado fortalece propostas que reconhecem a reflexividade, a escuta e a autoria como dimensões constitutivas do tornar-se professora.

Por fim, cabe destacarmos que este artigo apresentou um recorte de uma investigação mais ampla, focalizando quatro narrativas produzidas no decurso da pesquisa. Ainda assim, os sentidos aqui discutidos indicam o potencial do diário narrativo como recurso pedagógico na formação inicial. Investigações futuras podem ampliar essa discussão ao examinar o uso desse dispositivo em outros espaços, como estágios supervisionados ou programas de formação continuada, aprofundando a compreensão sobre os modos pelos quais a escrita de si pode contribuir para a constituição de professoras que ensinarão matemática.

Referências

- ALARCÃO, I. Ser professor reflexivo. *In*: ALARCÃO, I. (org.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Editora Porto, 1996. p. 171-189.
- AMADO, L. A. S. A escrita de si na formação de professores e a subjetivação das experiências. *In*: DIAS, R. de O.; RODRIGUES, H. de B. C. (org.). **Escritas de Si: escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e escola básica**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. p. 98-106.
- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Documento de Área – Ensino**. Brasília: Capes, 2019.
- CLANDININ, D. J. **Engaging in narrative inquiry**. Walnut Creek: Left Coast Press, 2013.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- CLARETO, S. M.; VEIGA, A. L. V. S. da. Uma escrita de muitos ou uma escrita em travessia. *In*: CALLAI, C.; RIBETTO, A. (org.). **Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. p. 31-47.
- CUNHA, M. I. da. Narrativas e formação de professores: uma abordagem emancipatória. *In*: SOUZA, E. C. de.; GALLEGOS, R. de C. (org.). **Espaços, tempos e gerações: perspectivas (auto)biográficas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 199-214.
- DAL'IGNA, M. C. **Nós da docência**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.
- FERREIRA, L. H.; PUCCI, R. H. P.; SOARES, N. de P. Por uma ética do cuidado: a pesquisa narrativa por Maria Passegi. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 21, p. 1-15, 2026. DOI: <https://doi.org/10.5212/10.5212/PraxEduc.v.21.26170.022>
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FLORES, M. A. Algumas reflexões em torno da formação inicial de professores. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 182-188, 2010.
- GOODSON, I. F. **Currículo, narrativa pessoal e futuro social**. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.
- HAN, B.-C. **A crise da narração**. Petrópolis: Vozes, 2023.
- LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2025. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).
- MASCARENHAS, L. T.; MORAES, M. Tecendo psicologias e modos de fazer educação entre escolas e universidades: os desafios de fazer *com*. *In*: DIAS, R. de O.; RODRIGUES, H. de B. C. (org.). **Escritas de Si: escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e escola básica**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. p. 117-130.
- NACARATO, A. M. Narrativas de professores que ensinam matemática como dispositivo de pesquisa e de (auto)formação. *In*: MONTEIRO, F. de A.; NACARATO, A. M.; FONTOURA, H.

A. de. (org.). **Narrativas docentes, memórias e formação**. Curitiba: CRV, 2016. p. 173-186. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica: conhecimentos, experiências e sentidos).

NACARATO, A. M.; MENGALI, B. L. da S.; PASSOS, C. L. B. **A Matemática nos anos iniciais do ensino fundamental**: tecendo fios do ensinar e do aprender. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Coleção Tendências em Educação Matemática).

NEGRÃO, F. C. Ressignificando o ensino de Matemática: uma experiência com professores em formação. In: BARBOZA, P. L. (org.). **Pesquisas em Educação Matemática**. Jundiaí: Paco Editorial, 2019. p. 43-57.

NEGRÃO, F. C.; ANDRADE, A. N. de. A matemática sob as lentes de professores em formação. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA E ENSINO EM CIÊNCIAS, 7., 2022. Campina Grande. **Anais eletrônicos** [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/86765>. Acesso em: 27 jul. 2026.

NEGRÃO, F. C.; ANIC, C. C. Aspectos formativos da escrita (auto)biográfica em diários narrativos de futuros professores polivalentes. **Revista Areté – Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 23, n. 37, p. 1-18, 2024. DOI: <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v23.n37.3671>

NEGRÃO, F. C.; ANIC, C. C. Marcas e experiências com a matemática na educação básica: uma pesquisa narrativa com professores em formação inicial. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 13, n. 35, p. 364-386, 2025. DOI: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1172>

NEGRÃO, F. C.; ANIC, C. C. A experiência da escrita de si em diários narrativos na formação inicial de professores que ensinarão matemática. **#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 15, n. 1, p. 1-14, 2026. DOI: <https://doi.org/10.35819/tear.v15.n1.a8247>

NEGRÃO, F. C.; GONZAGA, A. M. Produtos educacionais e narrativas (auto)biográficas: O que tem sido produzido nos programas de pós-graduação profissionais da área de Ensino? **Revista Cocar**, Belém, v. 20, n. 38, p. 1-20, 2024.

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

OLIVEIRA, R. M. M. A. de. Narrativas: contribuições para a formação de professores, para as práticas pedagógicas e para a pesquisa em educação. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 20, n. 43, p. 289-305, 2011.

PANIZ, C. M.; FREITAS, D. S. **O uso de diários na formação inicial de professores**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

PASSEGGI, M. da C.; SOUZA, E. C. de. O movimento (auto)biográfico no Brasil: Esboço de suas configurações no campo educacional. **Revista Investigación Cualitativa**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 6-26, 2017.

RIBEIRO, T.; SAMPAIO, C. S. Conversa, partilha e formação docente: O Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita (FALE). **Revista da FAEEDBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 29, n. 57, p. 203-218, 2020. DOI: <https://doi.org/10.21879/faceba2358-0194.2020.v29.n57.p203-218>

SAMPAIO, C. S.; RIBEIRO, T.; SOUZA, R. de. La conversación como metodología de investigación. **Revista Argentina de Investigación Narrativa**, Mar del Plata, v. 2, n. 3, p. 7-18, 2022.

SAMPAIO, C. S.; RIBEIRO, T.; SOUZA, R. de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: RIBEIRO, T.; SOUZA, R. de; SAMPAIO, C. S. (org.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não?. 2. ed. Rio de Janeiro: Ayvu, 2023. p. 21-40. (Ciência e Pesquisa em Questão).

SANTOS, C. B. dos; MENDES, I. de O.; SILVA, J. C.; GUIMARÃES, A. C. F. de.; ROCHA, G. S. M.; MATA, L. P. da; SANTOS, L. C. B. dos. Conexão Macedo: por entre escritas, escutas e cartas para formar professores entre universidade e escola básica. In: DIAS, R. de O.; RODRIGUES, H. de B. C. (org.). **Escritas de Si**: escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e escola básica. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. p. 207-232.

SENA, O. **Aprendiz de escritor**: sobre livros, leituras e escritos. Manaus: Editora Valer, 2020.

SILVA, A. J. N. da. **Querido diário...** o que revelam as narrativas sobre ludicidade, formação e futura prática do professor que ensina(rá) Matemática nos anos iniciais. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

SILVA, F. O. da. Tessituras constitutivas da abordagem (auto)biográfica como dispositivo de pesquisa qualitativa. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-15, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.12960.006>

SOLIGO, R. A.; NOGUEIRA, E. G. D. A experiência de escrita como espaço-tempo de FORMAÇÃO. In: MONTEIRO, F. de A.; NACARATO, A. M.; FONTOURA, H. A. da (org.). **Narrativas docentes, memórias e formação**. Curitiba: CRV, 2016. p. 111-121. (Coleção Pesquisa (Auto)biográfica: conhecimentos, experiências e sentidos).

SOUZA, E. C. de. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A Editora; Salvador: UNEB, 2006.

SOUZA, A. P. G. de; CARNEIRO, R. F.; PEREZ, S. M.; OLIVEIRA, E. R.; REALI, A. M. de M. R.; OLIVEIRA, R. M. M. A. de. A escrita de diários na formação docente. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 181-210, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982012000100009>

ZABALZA, M. A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZEICHNER, K. M. **A formação reflexiva de professores**: ideias e práticas. Lisboa: Educa, 1993.

ZEICHNER, K. M. Uma análise crítica sobre a “reflexão” como conceito estruturante na formação docente. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 535-554, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302008000200012>

Recebido em 13/03/2026

Versão corrigida recebida em 13/07/2026

Aceito em 14/07/2026

Publicado online em 30/07/2026